

## OS NEGROS DE PEDRA D'ÁGUA: UM POUCO DE SUA GENTE, UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

MEDEIROS, Sandreylza Pereira.

[sandreylza@hotmail.com](mailto:sandreylza@hotmail.com)

Graduanda do Curso de História, UEPB

Josemir Camilo de Melo (Orientador)

### RESUMO

Versar acerca da História do negro no Brasil é para nós historiadores um grande desafio, tendo em vista, que por muito tempo a Historiografia dita oficial priorizou o passado negro sob a ótica do branco colonizador, dando enfoque a um discurso puramente eurocêntrico, onde os negros foram colocados como agentes passivos do processo histórico. Discordando desta análise essencialmente racista, nos propomos a mostrar um pouco da História da resistência negra no Brasil, a partir de uma pesquisa desenvolvida em uma comunidade de negros, situada no município do Ingá, estado da Paraíba, que vem resistindo ao preconceito e lutando por um espaço digno social. O nosso estudo remete-se a investigar o discurso quilombola presente na fala dos pedradaguenses. Utilizaremos para esse objetivo, uma Dissertação de Mestrado da antropóloga Elizabete Christina de Andrade Lima, reportagens jornalísticas e certidões, além do recurso a História Oral.

**Palavras-chave:** negros, identidade, comunidades, quilombolas.

## 1. Introdução

A comunidade rural de Pedra D'água está localizada no município do Ingá, Estado da Paraíba, limita-se ao Norte, com o sítio Pinga; ao Sul com a Lagoa dos Caldeiros; a Oeste com a Vila Pontina e a Leste com o Sítio Poço Dantas.

O terreno onde está localizada a comunidade é de difícil acesso e alcançar à mesma, através do distrito de Pontina, requer muita habilidade de motoristas e motociclistas, tendo em vista, o percurso acidentado e as péssimas condições da estrada que na época do inverno, torna-se praticamente intransitável. Aquela é circundada por Serras elevadas, apresenta um relevo bastante irregular, mas é na parte plana que estão situadas a maiorias das suas casas.

Ao descer a última serra que dá acesso ao povoado, somos presenteados com uma belíssima paisagem de um verde exuberante; as casinhas em sua maioria de tijolos e diversificadas quanto à cor, ficam dispostas umas pertinho das outras. É possível sentirmos de imediato, uma sensação de paz e tranqüilidade, proporcionada por sorrisos e olhares curiosos que a todo tempo nos recepcionam. Sob o rio Pedra D'água, neste período seco, avistamos uma pequena ponte, aonde o ir e vir dos moradores parece ser constante.

Com aproximadamente uma área de 36,3 ha, a comunidade possui, segundo o censo do IBGE de 1991, uma população residente de 410 habitantes, sendo 190 do sexo masculino e 220 do sexo feminino. (LIMA, 2007, p. 2).

Esse número pode ter sido alterado, uma vez, que são muitas as reclamações, de que jovens precisaram se deslocar para os grandes centros urbanos, em busca de melhores condições financeiras não oferecidas pela comunidade.

Os moradores vivem basicamente da agricultura, sobretudo, do cultivo de milho e feijão, proporcionado por técnicas ainda rudimentares. Os roçados que garantem a subsistência do grupo, são cultivados em sua maioria, através da técnica do arrendamento.

Sobre a origem do lugar, um estudo de identidade étnica realizado por Lima (1992, p.33-34) já apontava como um dos fundadores um Senhor de nome Manoel Paulo Grande:

A origem de Pedra D água remonta a figura de um ancestral comum. Um homem de nome Manoel Paulo Grande foi quem primeiro chegou às terras da comunidade e constituiu família de tipo nuclear, isto é, composto de pai, mãe e filhos. Com o passar dos anos essa família gerou novas famílias. Atualmente vivem na comunidade os descendentes de Manuel Paulo Grande até a quinta geração.

Ao interrogarmos uma moradora de 70 anos, Dona Jandira Firmino Paulo em relação à origem de Pedra D água, veja o que ela nos diz:

O primeiro morador foi à família dos Paulo e Firmino [...] Sei contar bem não, Pedra D água era assim, um lugar que não era bem visitado, ninguém conhecia ela, ninguém, não tinha estrada, não tinha nada, era como um comboi de índio, aí foro descobrindo, descobrindo, aí tamo bem civilizado [...] Eu moro aqui nasci e me criei, vou fazer 70 anos, Firmino e Paulo é tudo família [...] Eles foro chegando, chegou os Paulo e ficou, aí Firmino também foi crescendo e crescendo aí abriram um lugarzinho que era somente deles aqui. O primeiro foi Manuel Paulo minha mãe dizia [...] Ele era primo do meu pai.

Interrogados por Lima (1992, p.35) os mais velhos já diziam:

Foi ele, Mané Paulo, meu bisavô, esse terreno aqui era dele, depois ele passou para os fio, dos fio passou pra os neto, agora a gente toma conta, cada cá tirou um pedaço, mai foi do meu bisavô esse terreno todinho. (Maria Paulo-78 anos, entrevista realizada em janeiro de 1990)

Assim, todos se consideram de uma mesma família, compartilhando uma mesma História de vida, Manuel Paulo Grande constitui um referencial para os demais, é ele quem define os laços de parentesco e ancestralidade:

A ancestralidade, juntamente com o direito à posse da terra, por esta ter sido comprada por Manuel Paulo Grande, engendra a construção de uma identidade étnica calcada na história de uma ascendência comum de laços de parentesco atravessando gerações e, conseqüentemente, de um direito legítimo à posse da terra. (LIMA, 2007, p.3)

## **2. O grupo compartilha uma identidade étnica?**

Como as identidades são construídas ao longo do tempo? Que fatores podem estar ou não somados a tal construção? Deveríamos no Brasil falarmos em identidade negra puramente simples?

As indagações acima passaram a surgir, a partir do momento em que tomamos Pedra D'água, uma comunidade de negros, como nosso objeto de estudo. Intencionávamos investigar, se ali havia uma identidade cultural auto-construída ou imposta de fora. Neste caso, consideramos pertinente promover uma discussão etimológica sobre identidade:

A palavra identidade vem do idem, uma versão latina do grego to auto que significa 'o mesmo' e que resulta no latim escolástico em identitas, isto é, a permanência do objeto único e idêntico a si mesmo, apesar das pressões de transformação externa e interna. (NÓBREGA, 2007, p.32)

Foi necessário atualizarmos o conceito da palavra etnia, que para Santos (1995, *apud* Nóbrega, 2007, p.33) é percebido como um "*Termo criado para evitar a palavra raça e que designa uma mistura de raças caracterizada pela mesma cultura*". Nesse sentido, é necessário nos precaver quanto ao uso de certas expressões, já que estas podem nos conduzir a definições padrões e generalizantes. No tocante a esta questão, vejamos o que nos afirma Nóbrega (2007, p. 33):

Antropólogos advertem para as dificuldades de usarmos o conceito de grupo étnico, já que a homogeneidade atribuída a certas especificidades culturais e mesmo biológicas é, na prática, cheia de imprecisões. A confusão em torno do assunto parece estar em função da discussão sobre a expressão 'etnia', que embora esteja quase sempre associada à raça, compreende o elemento de composição que indica a idéia de povo, gente, nação.

Sobre identidade, não devemos esquecer, que quando adquirirmos uma nacionalidade somos automaticamente integrados a uma coletividade, compartilhando desse modo valores sociais, políticos e culturais. No entanto, tal compartilhamento, não garante necessariamente aos segmentos sociais um consenso nas atitudes, gostos, comportamentos e opiniões. Devido a isso, surge o confronto do "mesmo" com o "outro", podendo ser observado às semelhanças e diferenças dos sujeitos dentro de uma determinada organização social. O confronto dessas diferenças postas em situação de

alteridade é quem define o perfil de uma identidade. Logo, para Nóbrega (2007, p.33) identidade passa a ser compreendido como “*O processo contínuo de representação interpretativa que permite a singularização narrativa de uma nação a partir de um confronto comparativo com a alteridade*”.

Sob essa ótica, o olhar do outro diante daquilo que considera diferente de si próprio, permite a singularização de um determinado grupo e a identidade passa a ser vista a partir de elementos que o mostre como diferente. No caso dos ditos quilombolas da comunidade de Pedra D’água, a predominância da cor negra em detrimento de uma maioria branca, alocadas ao seu redor, seria suficiente para apontá-la como um grupo de identidade étnica?

Além da necessidade de respondermos a questões como esta, a discussão sobre identidade étnica foi relevante, sobretudo no sentido, de analisarmos os critérios utilizados pela Fundação Cultural Palmares, no processo de reconhecimento de comunidades remanescentes de quilombos. Atualmente, a Fundação classifica como critério determinante o conceito de raça, concebendo esses grupos segundo Nóbrega (2007, p.39) “*Como pertencentes a uma ancestralidade negra*”. Nesse direcionamento, qualquer comunidade em que seus membros, fossem em sua maioria absoluta constituída por negros, deveria ser reconhecida como um remanescente de quilombos?

Sob o olhar de Cunha (1987 *apud* Nóbrega, 2007, p.34) o estudo sobre identidade étnica seria proposto pela antropologia social, “*Analisando-o a partir de três segmentos: raça, cultura e formas de organização social, esse último critério, analisado a partir de Barth (1969)*”.

O conceito de raça é apontado pelo autor como o menos ativo para definir identidade étnica, tendo em vista, que a miscigenação fora forçada e legitimada pelo Estado. Em um quilombo, por exemplo, não teríamos segmentos puramente negros, já que a marginalização levou a essas aglomerações, não apenas escravos fugidos, mas também homens pobres e livres, indígenas e mestiços independentes de cor. Este critério perdeu forças nesses últimos anos, é, portanto insuficiente e com pouco sentido, no entanto, essa argumentação caminha justamente em sentido contrário ao que o governo Federal e a Fundação Cultural Palmares concebem acerca das comunidades negras que constituem grupos de identidade étnica:

Logo, entendemos que o termo constitucional ‘remanescentes das comunidades dos quilombos’ refere-se àqueles que descendem dos

quilombos, interpretados como 'comunidades quilombolas'. Vale salientar que, para fins desse decreto, o governo só considera remanescentes das comunidades dos quilombos, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-afirmação, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. A caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante auto-definição da própria comunidade e a responsabilidade pela emissão do certificado de Registro no cadastro geral, é da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura. (MELO; NÓBREGA, 2006, p.3).

Um segundo critério a ser abordado seria a Cultura, para Cunha (1987, *apud* Nóbrega 2007, p.35-36):

Os grupos étnicos sofrem interferência em suas culturas tradicionais. Essa interferência atinge, além da língua, a religião, os costumes matrimoniais, a tecnologia e os hábitos alimentares. Porém como forma de resistência, os grupos étnicos elegem alguns traços culturais para o apego, preservando, assim, a identidade do grupo. Há uma imprevisibilidade em predizer quais dentre todos os traços culturais devam ser enfatizados e, dessa forma, surge quase um consenso entre os antropólogos, no sentido de que a cultura também não deve ser tomada como princípio primeiro de um grupo étnico.

Embora no âmbito cultural haja um compartilhamento de valores, formas e experiências a partir de uma relação, entre a cultura existente e a cultura ancestral, os grupos étnicos sofrem sempre interferências em suas culturas tradicionais, pois não há um conservadorismo de valores, mas apenas o apego a alguns elementos mais fortes e significantes, como os rituais, por exemplo, mas que nem sempre é compartilhado por todos do grupo, daí, o fator cultura, ser visto como uma consequência de uma organização social, frágil, para ser tomado como critério absoluto, o que não queremos dizer que não seja também importante.

De acordo com os embates colocados acerca dos critérios de raça e cultura, Nóbrega (2007) chama a atenção para o fato, de que a antropologia prefere utilizar-se do critério organização social no intuito de definir identidade étnica, uma vez, que é no meio de um grupo social que os indivíduos se identificam e são identificados pelo outro, porém, é importante ressaltar, que nem todas as diferenças de um determinado grupo podem o elevar a categoria de grupo étnico, mas tão somente as que dentro do convívio social são classificadas como significantes.

A idéia de Nóbrega (2007) é a de que a identidade se constrói, a partir do momento em que há uma organização nas relações e condutas que apontem para a autoconsciência de se ser diferente.

Entendemos, portanto, como grupos étnicos, as comunidades que se auto-identificam, mesmo permeadas por uma memória coletiva e desprovidas da relação histórica com aquilo que a Historiografia percebe como quilombo e é notório acrescentar:

Um grupo étnico se caracteriza pela auto-perpetuação biológica, por compartilhar valores culturais, por integrar um campo de comunicação e interação, por constituir uma categoria. (BARTH, 1969 *apud* LIMA, 1992, p.138)

Portanto, segundo Lima (1992, p.138):

A comunidade de Pedra D'água constitui um grupo étnico na medida em que sua população se auto-identifica e também é identificada pelos habitantes das áreas circunvizinhas como: (1) descendentes de um ancestral comum (Manuel Paulo Grande) os quais, através dos laços de parentesco, constituem-se (2) herdeiros das terras da comunidade e também (3) das características biológicas da raça negra, através da preferência por laços matrimoniais endogâmicos[...]Esta constituição organizacional é que marca a distintividade dos pedradaguenses nos momentos de confronto. E na relação de alteridade que o grupo aparece coeso, exatamente por comungar um tipo de organização social que lhe é específica: uma relação estreita de simbiose entre história, parentesco e territorialidade.

### **3. A comunidade enquanto Quilombo: O discurso de fora**

Uma das maiores dificuldades encontradas por esta pesquisa, fora sem dúvida alguma, a ausência quase que total de um suporte bibliográfico acadêmico que pudesse dar mais consistência ao nosso trabalho. Buscamos produções científicas como monografias, dissertações, publicações de artigos, livros, periódicos de revistas, entre outros, no entanto, especificamente sobre o que queríamos, fonte escrita sobre Pedra D'água, obtivemos apenas uma Dissertação de Mestrado da antropóloga Elizabeth de Andrade Lima, defendida em 1992, que propunha um Estudo de Identidade Étnica na comunidade, tal como um artigo de sua própria autoria publicado em 2007.

Lamentamos o ocorrido e consideramos pouco o material encontrado, tendo em vista, a complexidade do objetivo que tentávamos alcançar: investigar se o discurso quilombola em Pedra D'água era auto-construído ou imposto de fora. Para essa finalidade, seria fundamental verificarmos um maior número de discursos externos acerca da questão, entretanto, ao trabalharmos com o que tínhamos e ao analisarmos o material obtido, vimos quão rico ele se mostrou.

A Dissertação de Lima (1992) foi para nós uma ponte que nos conduziu ao passado histórico de Pedra D'água e tão somente por isto, é que conseguimos estabelecer a relação contraditória existente entre o discurso pretérito e presente daquele grupo. Desta forma, a produção científica da antropóloga passou a ser o nosso mais importante elo e a nossa única e indispensável fonte histórica documentada.

É importante ressaltar, que em nenhum momento a autora se deteve a afirmar se o grupo constituía ou não um remanescente de quilombo, seus esforços foram no sentido de focalizar, se ali existiam pessoas que compartilhavam de uma mesma identidade e realizou tal pretensão, considerando como relevante, a constituição da comunidade a partir da sua história, especificando relações de parentesco e de territorialidade, enfatizando a noção do si próprio e dos outros, das formas de sociabilidade com os locais circunvizinhos, para desse modo poder observar, se aquelas pessoas compartilhavam uma de identidade étnica.

As Estratégias Metodológicas utilizadas pela autora foram o encontro direto com a comunidade, através da pesquisa de Campo e do recurso à História Oral, por meio das entrevistas formais e informais, valendo-se da interpretação e da análise rigorosa do discurso. Sobre esse tipo de recurso é importante lembrarmos:

A História dos brancos é feita através dos documentos oficiais e particulares, já que estamos tratando aí de uma sociedade letrada (Formação Discursiva Escrita). No caso dos africanos seqüestrados e trazidos para o Brasil e seus descendentes aqui nascidos e mantidos como iletrados (Formação Discursiva Oral-étnica), já não são mais documentos de que se deve lançar mão para estudar sua 'história', ou seja, material escrito. Portanto o historiador deve ceder lugar ao etno-historiador e proceder a um desvio metodológico e teórico, optando então pela etnografia e buscar a fala (a 'gramática') a ora litura do povo negro nas fontes antropológicas e etnológicas. (MELO, 2007, p.1)

Sobre a possibilidade de haver uma identidade quilombola em Pedra D'água, a autora ao remontar o passado, época em que realizou a pesquisa de coleta de dados,

ênfatiou a questão da presença de um discurso bastante articulado, no tocante ao compartilhamento de uma mesma origem ligada a um ancestral comum e uma tendência extremamente forte, a negação de um passado escravista ou de remanescente quilombola atribuída ao grupo. Lima (2007, p.7) acrescentou ainda *“Não conseguimos por ocasião da coleta de dados, nenhum documento escrito ou narrativa oral que pudessem levar a uma construção de uma identidade quilombola”*

Essa tendência a negar uma suposta descendência escrava, seja por opressão, vergonha, mecanismo de defesa ou opção do grupo, é bastante sentida dentro de dois aspectos relevantes analisados pela autora: O condicionamento étnico e a situação econômico-social dos pedradaguenses à época da pesquisa. Para Lima (1992) o negro busca a superação das marcas do racismo através do agrupamento “entre iguais”, o espaço e a territorialidade constituem aquilo que ela chamou de *“Ressurreição étnica”* que permite a socialização negra pela livre transmissão dos bens culturais. Há uma resistência da identidade étnica sentida entre o “eu” e o “outro” e é principalmente na espacialidade que eclodem os problemas de convivência interétnicas:

A festa é sobretudo um momento de socialização entre os indivíduos, um momento de maior conhecimento e intimidade. O ato de compartilhar conversas, bebidas e danças abre um espaço de proximidade tal que para a permissão de atitudes de distração, entretenimento, é necessário que no ambiente as pessoas se sintam cercadas por uma familiaridade de iguais. Este equilíbrio de se estar próximo, parece ser quebrado com a chegada dos negros nas festas dos brancos. (LIMA, 1992, p.112).

Dentro desse contexto, o negro passa a perceber que não compõe o “grupo dos iguais” ele passa a acreditar que é diferente e é a cor que marca esse diferencial, uma vez, que percebe que está sendo sempre repudiado pelo outro em detrimento da cor. Segundo a antropóloga *“O que é sentido pelo negro é a experiência da dor, é a negação do princípio do prazer ao se olhar, ao ver sua cor, ao se defrontar com outra com outra cor que não é sua, nem nunca poderá ser”* (LIMA, 1992, p.113).

Na verdade, o negro não deseja outra cor que não a sua, porém, observa que o embranquecimento implica numa superioridade dos “iguais”:

Para o sujeito negro oprimido, os indivíduos brancos diversos em suas efetivas realidades psíquicas, econômicas, sociais e culturais, ganham uma feição ímpar, uniforme e universal: a brancura. A brancura tem como referência, a ‘ideologia do embranquecimento’ o qual surge

concomitantemente com a 'ideologia da democracia racial', isto é, sendo vítimas do estigma e do peso do 'preconceito de marca'. (LIMA, 1992, p.114).

A repressão e persuasão levaram o sujeito negro a desejar, projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e sua história étnica e pessoal, sendo assim, essa forçada negação da cor, devido a extrema violência do preconceito racial exasperada pelos brancos, é dolorosamente sentida pelos negros e observada no discurso pedradaguense de forma marcante pela autora:

Dado o sentimento de inferioridade racial vivenciado pelo negro de Pedra D'água nos momentos de confrontação interétnica, a aspiração passa a ser a brancura; a negritude é aceita como 'vontade de Deus', um carma que, em decorrência de serem vítimas do racismo latente e dos estereótipos, enseja-lhes o desejo de ser igual ao branco, tratado e aceito de maneira similar pela sociedade envolvente.(LIMA, 1992, p.115).

Ao ser questionada quanto a possibilidade de escolher a sua cor, Diomar-40 anos, informante de Lima (1992, p.115) respondeu:

Assim eu queria como Deus já me fez mesmo, agora se nosso sinhô tivesse feito eu com uma co mêi canelão, eu num passava por tanta vergonha diante dos branco, porque passa. A gente se sente humilhado na vista, na presença dos branco.

Nesse sentido, brancura é sinônimo de pureza, e negritude de sujeira; o branco é socialmente aceito, é belo, é perfeito, enquanto que o negro é a representação do feio, assim, além da cor branca ser bonita está também associada ao bom trato, ou seja, a uma melhor receptividade no mundo externo.

A situação econômico-social foi detectada como mais um agravante que contribuiu decisivamente para a resistência a um passado escravista. Os pedradaguenses se auto-classificaram como pobres e inferiores a situação social do branco, tal situação, chega a se sobrepor a questão da cor, daí, entendamos que "*O sentimento de humilhação e de vergonha é sentido pela diferença racial e, a cor, é remetida para o sentido de que, ser branco significa ser socialmente aceito*". (LIMA, 1992, p.116)

Para a autora, os negros de Pedra D'água compartilham internamente as tradições culturais e o sentimento único de enfrentamento diário pela sobrevivência, no entanto, ao serem confrontados com a alteridade, pressionados pelos constrangimentos

externos, apresentaram uma forte tendência a negação da negritude e para nós essa observação mostra-se incompatível com a autoconstrução de uma identidade quilombola nos dias de hoje.

Assim, partindo do discurso da origem da comunidade, da ancestralidade, dos laços endogâmicos de parentesco e o acesso a terra a partir de tais laços e da coleta de dados de 69 informantes entrevistados, a autora defende a idéia de que “*O grupo se conhece como comunidade remanescente de quilombo a partir de agentes e/ou instituições externas à própria comunidade e seus habitantes*”. (LIMA, 2007, p.7) e que no tocante ao discurso quilombola “*Constrói a sua identidade étnica se utilizando de outros elementos que não são o passado escravista, a experiência de fuga do regime escravista e a construção de um espaço quilombola*”. (LIMA, 2007, p.2), mas a partir dos elementos já apontados no início deste parágrafo.

#### **4. O Reconhecimento Externo e os estereótipos acerca da questão**

A comunidade de Pedra D’água foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como um grupo de remanescentes de quilombos no dia 19 de Abril do ano de 2005. Sobre a possibilidade de isso vir a acontecer, já havia sido abordada a questão em uma matéria do jornal impresso do Correio da Paraíba, feita por Learth (2000, cad. 3), onde nascia à discussão entre o poder Legislativo Estadual da época a quem caberia a competência de certificar comunidades remanescentes de quilombos e apontando Pedra D’água como uma suposta comunidade quilombola:

A Assembléia Legislativa deve rejeitar projeto de Lei que determina o reconhecimento da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos na Paraíba. A proposta de autoria do Deputado Luís Couto (PT), foi considerada inconstitucional pela CCJ (Comissão de Constituição e Justiça). [...] As comunidades quilombolas (designação dos escravos refugiados em quilombos) são Quilombo do Gurugi (Sapé), Pedra D’água (Ingá), Livramento e Caiana dos Crioulos (em Alagoa Grande). A população deve ultrapassar cinco mil habitantes e nenhum tem garantida a posse da terra onde vivem há mais de um século. [...] No Quilombo Pedra D’água, a produção de renda é conhecida e procurada até em outros Estados. A população local, entretanto, enfrenta muitos problemas financeiros, de Saúde e acesso à Educação.

Uma reportagem, levada ao ar em (2006) pela TV Paraíba, um ano após o reconhecimento oficial, tratou da questão quilombola naquele setor. Nela, o Jornalista Leonardo Alves é bem categórico ao definir a comunidade: *“Era aqui no Quilombo Pedra D’água que os escravos se escondiam. De difícil acesso o local fica entre quatro montanhas. Mesmo com as mudanças, o quilombo ainda vive no modelo primitivo.”*

Mas que escravos? Seus descendentes se são os moradores, falaram isso? Que modelo primitivo? O de Palmares? Claro que não intencionamos pelo menos neste momento discutir se houve ou não um quilombo em Pedra D’água, mas tão somente, investigarmos a construção da identidade quilombola entre as pessoas daquele lugar, no entanto, fazer afirmativas sem, contudo verificar a veracidade das informações é no mínimo perigoso e complicado, porém, vale lembrar que informações como estas têm sido freqüentemente transmitidas pelos veículos de comunicação.

Ainda na reportagem, os moradores, são colocados em um círculo para dançar ciranda, o jornalista diz no decorrer desse acontecimento, *“que embora vivendo em um mundo primitivo é necessário se resgatar a cultura para não desaparecer”*, porém, em nenhum momento os moradores são questionados quanto a condição de serem chamados de quilombolas.

Na matéria, é acrescentado o objetivo do governo federal em resgatar a cidadania e a cultura, além de promover a geração de emprego e renda, ressaltando em seguida que para isso será construído no local, um Centro de Referência quilombola, que garantirá a cidadania de uma forma mais expressiva. A reportagem citada acima ocorreu um ano após o reconhecimento oficial do grupo como descendente de uma ancestralidade escrava. Percebermos, a partir disto, como a mídia difunde rapidamente e exterioriza a idéia da existência de um Quilombo fazendo o telespectador de imediato internalizar tal presunção e isso tem feito as pessoas imaginarem as comunidades ditas quilombolas como aquele Quilombo do período colonial. Para Moura (2006, p.328) *“As realidades diferem, mas as comunidades remanescentes nasceram no Brasil colônia e no Brasil Império”*. Entretanto, isso apenas nos diz que têm relação, mas que em nenhuma hipótese subsiste da mesma forma.

Os veículos de comunicação têm essa forte inclinação a manipular opiniões, no caso específico de Pedra D’água, deram suporte a uma identidade quilombola entre os seus moradores, sem, contudo, em nenhum momento se preocuparem em questionar as pessoas do local quanto a essa condição.

Partindo da Dissertação de Lima (1992), dessas colocações da mídia e também dos resultados das políticas públicas do Governo Federal, que certifica comunidades negras como descendentes de uma ancestralidade negra, é que continuaremos a desenvolver a nossa pesquisa na comunidade. Não gostaríamos de definir nesse momento se há ou não uma auto-identidade em Pedra D'água, ou se esta advém de fora, mesmo porque, achamos precipitado de nossa parte fazê-lo, tendo em vista ainda estarmos em fase de pesquisa, no entanto, o discorrer desse trabalho nos induz a pensar que em Pedra D'água está havendo um processo de imposição de valores culturais, que talvez não condigam com a realidade do grupo em questão.

Consideramos precipitado expor conclusões, principalmente pelo fato de que, embora ricos os poucos relatos que temos estes não são suficientes para atestarmos algo em definitivo no tocante à identidade daquele povo.

Continuaremos a recorrer a História Oral, que tem sido fundamental para o desenvolvimento desse trabalho e ao discurso daqueles que versam sobre aquela comunidade, priorizando as relações sociais do povo de Pedra D'água, não apenas entre si, mas também no contato o outro, entendido aqui como o que se apresenta diferente deles.

Descobrir se Pedra D'água tem ou não uma auto-identidade, é para nós um trabalho que está apenas começando.

## **5. Referências Bibliográficas**

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **Pedra D'água: uma comunidade quilombola.** Seminário Nacional de Estudos de História e Cultura Afro-Brasileiras. NEAB-Í, 2007, CD-ROM/ISBN: 978858708791.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **OS NEGROS DE PEDRA D'ÁGUA: UM ESTUDO DE IDENTIDADE ÉTNICA. História, Parentesco e Territorialidade numa comunidade Rural.** Dissertação de Mestrado em Sociologia. Campina Grande – PB: Universidade Federal da Paraíba, 1992.

MEDEIROS, Sandreylla Pereira. **Comunidade de Pedra D'água em Ingá-PB: a idéia de quilombo no século XXI. O processo de construção da identidade quilombola é imposto de fora?** Seminário Nacional de História e Cultura Afro-Brasileiras. NEAB-Í, 2007, CD-ROM/ISBN: 978858708797.

MELO, Josemir Camilo de; NÓBREGA, Joselito Eulâmpio da. **Quilombo do Talhado em Santa Luzia – PB. A construção de uma auto-identidade ou uma identidade construída de fora?** In: Encontro Os Sertões: espaços, tempos, movimentos. Recife-PE: UFPE, nov.2006

MELO, Josemir Camilo de. **Do Quilombo Armado ao Quilombo Cultural e Ideológico.** Seminário Nacional de História e Cultura Afro-Brasileiras. NEAB-Í, 2007, CD-ROM/ISBN: 978858708797.

MOURA, Glória. **Quilombos Contemporâneos no Brasil.** In: CHAVES, Rita et al. **Brasil África: como se o mar fosse mentira.** São Paulo: Unesp, 2006.

NÓBREGA, Joselito Eulâmpio da. **Comunidade Talhado um grupo étnico de remanescente quilombola: uma identidade construída de fora?** Dissertação de Mestrado em Ciências da Sociedade. Universidade Estadual da Paraíba, 2007.

#### **Arquivos Pesquisados (Documentação):**

A – Arquivo Pessoal (da autora).

Cópia da Certidão de auto-reconhecimento da comunidade de Pedra D'água como remanescente das comunidades dos quilombos.

Reportagem televisionada da TV Paraíba levada ao ar em 2006.

Reportagem de Jornal impresso do Correio da Paraíba, 25 de Junho de 2000.